

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGANDA,
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA □ □ □

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VIII
II SERIE

JUNHO 1924
N.º 144

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

O TURISMO EM PORTUGAL E A «REVISTA DE TURISMO»

COM o presente numero completa a *Revista de Turismo* o seu oitavo ano de publicação.

Não é nosso intento, ao escrevermos este artigo, editar, uma vez mais, o que tem sido esta cruzada, nem sublinharmos os esforços que temos empregado para a vencermos até aqui.

A existencia d'esta publicação atesta-o exuberantemente.

Só a satisfação d'um grande ideal nos compeliaria a fazel'o, atravez todas as agruras, desobstruindo todos os obstaculos, dominando, por assim, a indiferença que parece ter-se crystallizado n'este malfadado Paiz, onde todas as iniciativas se esvahem, onde as boas-vontades se estiolam e os espiritos s'amarfanham, e onde, inclusivamente, o que representa uma obra de verdadeiro patriotismo—como é a *Revista de Turismo*—é impotente para triumphar e fazer triumphar a causa que defende. E todavia, todos falam em turismo--como se d'isso alguma coisa percebessem; toda a gente conhece a necessidade de se explorar no nosso Paiz a industria do Turismo—sem comtudo lhe prestar o minimo concurso; e, no final de contas, todos fazem porque essa prodigiosa industria não possa ser nem seja explorada por nós, com o legitimo direito que nos assiste e o dever que a nossa situação nos impõe.

E' evidente que com este exquisito ambiente, em que a bondade cedeu lugar á maldade, não se pode caminhar.

Por isso a *Revista de Turismo*, que tem tambem necessidade de remodelar os seus serviços administrativos, vae suspender temporariamente a sua publicação, para não exgotar por completo as suas energias.

Não podemos prevêr até quando a força das circunstancias nos faz immobilisar a nossa pena que, ao cabo de oito consecutivos anos de lucta extreme, se julga no mais legitimo direito d'um repouso, embora agora seja forçado.

Queremos apenas frisar que durante este nosso interregno sentir-se-ha, sem duvida (e perdõe-se-nos esta imoestia) a falta d'este luctador, que poz sempre o seu concurso ao serviço da causa que o fez nascer e que tem defendido até agora com uma tenacidade sem limites, porque foi sempre livre e independente, e assim poude apreciar, segundo o criterio da sua Direcção, os factos que se lhe apresentaram.

Resta-nos a consciencia de que o pouco que se fez em materia de turismo foi sugerido pelo que aqui se escreveu sem que, comtudo, levemos isso á conta do nosso engrandecimento.

COMISSÕES D'INICIATIVA

RELATORIO DA VISITA QUE O DELEGADO DA SOCIEDADE PROPAGANDA DE PORTUGAL, FEZ AO PRESIDENTE DA COMISSÃO D'INICIATIVA DE BRAGA

Ex.^{mo} SR. PRESIDENTE DA
COMISSÃO EXECUTIVA DA
SOCIEDADE PROPAGANDA
DE PORTUGAL.

No Domingo, 8 do corrente, estive no Bom Jesus, Braga, onde tinha aprazada uma conferencia com o Ex.^{mo} Sr. Tenente Coronel Lopes Gonçalves, representante da Sociedade Propaganda de Portugal na Comissão de Iniciativa de Braga e presidente d'essa Comissão; conferencia que teve logar no Hotel do Elevador, onde conversámos desde as 15 ás 17 ¹/₂ horas.

Expostos os fins da minha visita, procurei saber d'aquella Senhor qual a acção desempenhada já pela Comissão de Iniciativa da sua presidencia; ao que me foi respondido que a mesma Comissão apenas se achava constituída; não tendo iniciado ainda os seus trabalhos pelo facto de não estar delimitada oficialmente a area da sua jurisdicção; acrescentando que, sobre este importante e capital ponto, tinha já oficiado á S. P. e á Repartição de Turismo, mas que nada ainda tinha sido resolvido a tal respeito. Aguardava, pois, a decisão tomada pela instancia competente a fim de poder imprimir á mesma Comissão a acção que se torna indispensavel; tendo, até, solicitado a minha interferencia para que o assumpto seja tomado em consideração.

Em vista d'esta resposta, limitei-me a perguntar qual era o programa a que o mesmo Senhor, como Presidente da Comissão, faria obdecer a acção que lhe es-

tava determinada por lei, logo que ella pudesse entrar na sua pratica; tendo-lhe exposto o seguinte questionario:

1.^o—Se a C. I. vem a ter séde propria, adaptando-a não só a escritorio propriamente dito da mesma Comissão, mas tambem a posto de informações, ampliando mesmo a sua latitude a agencia de turismo?

2.^o—Qual a influencia que, como organismo legal, a C. I. pode exercer em todos os ramos d'actividade que se ligam com a industria do turismo e seu progresso, taes como:

a) Fiscalisação da limpeza nos locaes (predios, estradas, arruamentos, etc.) sob a sua jurisdicção?

b) Fiscalisação dos serviços publicos?

c) Fiscalisação e immediata interferencia em tudo quanto respeite a hotéis, transportes, embarque e desembarque de passageiros, transito nas ruas, policiamento, assistencia publica, repressão da mendicidade, divertimentos, etc.?

d) Serviços ferroviarios, no que respeita principalmente a horarios e ligações de comboios?

3.^o—Quaes as obras projectadas para beneficio e uso dos naturaes e disfruto dos visitantes?

4.^o—Qual o programa de recepção aos visitantes?

5.^o—Qual a forma de propaganda local e fóra?

6.^o—Qual a idéa sobre excursões?

7.^o—Qual o criterio para a applicação da taxa de turismo?

8.^o—Qual a protecção a dispensar para o desenvolvimento das pequenas industrias interessando o turismo?

Devo dizer que, não obstante a nossa entrevista ter durado duas e meia horas, esse tempo foi insufficiente para profundarmos todos os quesitos por mim propostos; tendo sido alguns apenas apreciados superficialmente, não só porque a sua pratica é consequencia logica de tempo e oportunidade, como, tambem, pelo facto da C. I. de Braga não ter tratado ainda do seu plano d'ação, em virtude do que atraz exponho; representando, portanto, d'um modo geral, as respostas que obtive, idéas a pôr em execução logo que se defina a area de jurisdição da mesma C. I. e os meios com que ela legalmente pôde contar.

Comtudo, notei nas idéas do Ex.^{mo} Sr. Tenente-Coronel Lopes Gonçalves a maior identificação com os quesitos por mim apresentados; ficando sua Ex.^a de m'as concretisar por escrito.

Conclui, todavia, que as omissões e deficiencias da lei e respectivo Regulamento produzem a confusão que notei no Bom Jesus; pois que estando esta estancia fóra da jurisdição da C. I. de Braga, é-lhe comtudo, exigido o pagamento da taxa de turismo, *como imposto para as estradas*, segundo pude apurar.

Torna-se, portanto, urgente e absolutamente necessario provêr de providencia imediata este unico obstaculo que está impedindo a execução dos bons desejos do presidente da C. I. de Braga.

Reservei para o momento proprio os três pontos concretos que mais directamente interessavam a minha visita e que eram:

— «Quaes as relações que a S. P. P. devia iniciar com a C. I.?

— «Qual a expansão que a mesma Sociedade podia ter n'aquella localidade?

— Qual o concurso moral que a S. P. P. podia dispensar á C. I.?

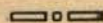
A estas perguntas, o Sr. T. C. Lopes Gonçalves respondeu, pouco mais ou menos, o que se segue:

— Que andava pensando com muito interesse na reconstituição da Delegação, em Braga, da S. P. P., por isso que ella actualmente está reduzida a duas pessoas.

Sobre o caso ia-se orientar no que seria possível fazer para, em seguida, propôr á respectiva Direcção o que achasse mais consentaneo aos interesses comuns.

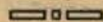
Porem, parece-lhe que não será difficil obter uma relativa expansão, desde que essa Delegação esteja reconstituída com elementos que trabalhem e que se interessem, para o auxiliarem nos seus melhores desejos.

Relativamente ás primeira e terceira perguntas, entende que a Delegação da S. P. P. deve ser um complemento directo da C. I. e, assim, um traço d'união entre as duas entidades; podendo esta ultima utilizar proveitosamente o concurso moral da S. P. P.



Em conclusão: — Segundo as minhas impressões, o Ex.^{mo} Sr. T. C. Lopes Gonçalves — a quem aqui presto a homenagem da minha consideração e o meu pessoal agradecimento pela forma como me acolheu — pelo seu prestigio pessoal derivado da sua situação de destaque, da sua intelligencia e das suas faculdades de trabalho, oferece a maior esperanza e é a melhor garantia de proficuidade da missão que ha de exercer a C. I., logo que a situação da mesma Comissão esteja definitivamente definida, e da que competirá á Delegação da S. P. P. n'aquella Cidade, tão depressa a nova Delegação esteja constituída.

Espero, pois, que, por parte do poder central da S. P. P., não seja criado nenhum embaraço ás propostas que o mesmo Ex.^{mo} Sr. venha a apresentar para o fim indicado.



Devo acrescentar, como informação, que no dia seguinte ao que cheguei a Lisboa, procurei na Repartição de Turismo o Sr. Dr. José de Athayde, Director da mesma Repartição, a quem expuz a situação e os desejos da C. I. de Braga; tendo-me aquele Senhor respondido que a demora na delimitação official da area de jurisdição da mesma Comissão de Iniciativa es-

tava apenas dependente de resposta de duas Comissões que tinham sido consultadas sobre o mesmo motivo, para se determinar n'um só diploma a area de jurisdição d'um certo numero de Comissões d'Iniciativa, e não se fazer um diploma para cada uma d'elas.

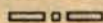
Fiz vêr áquele funcionario os inconvenientes d'essa demora e os que resultavam d'ela se prolongar; solicitando os seus bons officios para a resolução rapida do assumpto.

Eis o que se me oferece dizer.

Lisboa, 20 de Junho de 1924.

O DELEGADO DA S. P. P.

(a) JOSÉ LISBOA



Notas sobre a acção que a
C. I. de Braga se propõe
exercer, logo que se regu-
larise a questão, pendente,
da delimitação da zona
em que terá de agir.

— A C. I. de Braga ao verificar, logo em seguida á sua constituição, que o Bom Jesus do Monte não estava incluido na zona em que a sua acção deveria exercer-se, entendeu que nada de verdadeiramente util poderia realizar enquanto tal anomalia se mantivesse; porquanto:

a) Aquella estancia admiravel, dadas as condições naturaes que a caracterizam e que concorrem para que ella possa vir a ser, convenientemente aproveitada, uma excelente estação de repouzo, deve ter sido, naturalmente, a determinante da classificação de Braga como região de turismo.

b) Pode assegurar-se, tomando como base elementos abundantes de informação, que 75 % das pessoas que desembarcam na estação de Braga, ou entram n'esta cidade pelas varias estradas que lhe dão acesso, se dirigem, sobretudo durante o verão, directamente para o Bom Jesus do

Monte, não ficando a conhecer da velha Capital da Provincia do Minho senão o trajecto percorrido até aquella estancia.

Logo que a situação actual esteja devidamente regulada nos termos da exposição que, ha mais de um ano, o Presidente da C. I. de Braga remeteu á Repartição do Turismo, aquella comissão iniciará immediatamente os seus trabalhos cujo programa, nas suas linhas geraes, é o seguinte:

1.º — Instalação de uma Séde, em edificio apropriado e de localisação adequada ao fim que se tem em vista, com o character de «Bureau de renseignements».

O local da sua situação será indicado, em letreiros bem visiveis, não só na gare da Estação dos Caminhos de Ferro, mas ainda na entrada das varias barreiras da cidade. Os seus fins principaes são:

a) Prestar a todos os interessados, quer verbalmente quer por correspondencia, as informações necessarias sobre alojamentos (indicações de hotéis, preço e tratamento dos mesmos, restaurantes etc.) transportes, industrias locais e regionaes, monumentos e obras de Arte, etc., etc..

b) Organisar e manter, permanentemente em instalações adequadas, uma exposição de amostras de productos das artes e industrias locais, ou das suas fotografias quando se trate de objectos de difficil exposição, acompanhadas de todas as indicações necessarias de preços, quantidade e producção, situação das fabricas e officinas, etc., etc..

2.º — Publicação de um guia ou roteiro illustrado tanto da cidade de Braga como da estancia do Bom Jesus do Monte.

3.º — Cuidar de uma maneira constante e activa de tudo o que mais de perto se relacione com a impressão que o turista precise de sentir desde que desembarque na Gare do Caminho de Ferro até que chegue ao local do seu destino procurado, sobretudo no trajecto Braga-Bom-Jesus, interessando a acção das competentes auctoridades locais nas questões de limpeza e hygiene publicas, repressão da mendicância e dos desmandos de linguagem, etc;

4.º — Auxiliar, evitando que de todo se

extinguam, a realização de festas e exibições tradicionais, sobretudo das que se distinguem pelo seu cunho pitoresco e tipicamente regional.

5.º — Estabelecer e distribuir anualmente prémios pecuniários e menções honrosas aos proprietários, gerentes ou administradores de hotéis, tanto de Braga como do Bom-Jesus do Monte, que mais e melhores provas tenham dado, no campo das realizações práticas, da sua compreensão acerca do valor que para o desenvolvimento da Turismo representa a industria hoteleira, sobretudo no que respeita a acao, hygiene e á mais cuidada e escrupulosa limpeza (mobilierio, roupas, instalações de banhos e sanitarias, etc.).

6.º — Procurar obter de acordo com a Direcção do Caminhos de Ferro do Mi-

nho e Douro e os administradores ou gerentes dos Hoteis de Braga e Bom-Jesus, a venda, nas respectivas estações, durante o verão e aos domingos, de bilhetes combinados de ida e volta com direito a refeições em qualquer dos hotéis que entram n'esta combinação, a qual se justifica pela razão de ser o Porto a cidade que maior contingente de visitantes fornece anualmente ao Bom-Jesus do Monte, podendo mesmo afirmar-se que é a importante e activa Capital do Norte do Paiz que melhor sabe apreciar aquella magnifica estancia.

7.º — Manter e estreitar, quanto possivel, as relações mutuas entre a S. P. P. e a C. L., de maneira a obter-se uma conjunção de actividade e de esforços, sobretudo no que respeita a serviços de propaganda, organização de excursões, etc..

TURISMO INSULAR

— A concessão do jogo na Madeira, impõe-se absolutamente, como a unica solução para o progresso d'essa ilha. — São necessarios cem mil contos para transformar o porto e a cidade, verba que só o jogo pode pagar, sem agravar a situação financeira do Estado

RECUAR perante um grande movimento colectivo que obrigue o governo a abrir uma excepção para a Madeira, permitindo lhe que legalise o jogo por pesados encargos e onerosos tributos, é adiar *sine die* o progresso de que tanto carece a bela cidade do Funchal.

Como se poderá realizar o esboçado plano de transformação da antiga cidade n'uma cidade moderna, ao mesmo tempo que o nosso porto n'um porto abrigado, com caes acostaveis, modernos, com os precisos requisitos para nos atrahir a na-

vegação mundial se não ha dotações orçamentais suficientes que possam cobrir tão vantajada despeza?

Não advogamos a permissão do jogo para passatempo de um cento de *touristes* que estão dessiminados pelos hotéis estrangeiros; advogamos tal permissão para que o jogo se legalise no Funchal; para que seja cedido a qualquer empresa que reuna importantes capitaes, que possa tomar compromissos e pagar tributos enormes.

A legalisação do jogo é o meio unico

que permitirá o progresso da Perola do Atlantico.

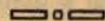
E' a esse recurso que tem de se recorrer obrigatoriamente se se quiere — como todas as tendencias o demonstram — modernisar a cidade, dotando-a com viação electrica e facilitando a transformação do nosso porto. Se d'outra fôrma não se puder conseguir esse tão almejado desideratum, que se reunam todas as forças vivas da cidade, que se envidem todos os esforços, que se empreguem os maiores sacrificios — se sacrificios fossem necessários — para que o governo se convença de que a Madeira morrerá sem o jogo, que falar em *turismo* na Madeira, sem o jogo, é um sonho irrealizavel, para não lhe chamarmos uma utopia.

O *turismo* na Madeira só existirá quando a cidade puder oferecer os atractivos que não possui; quando lhe der acesso um porto moderno com que ha tanto sonha; quando a viação electrica lhe valorisar os campos; e tudo isso só poderá ter logar com a legalisação do jogo.

Desligar qualquer d'estes factores, é sonhar, sonhar... até á consumação dos seculos.

...E o sonho dura já ha tantos anos. Mas para que se não fique a sonhar em-

quanto os outros estão acordados, bom seria acordar, mas acordar de vez com os olhos bem abertos e a razão bem lucida.



Agora perguntamos nós :

— Que fazem as forças vivas da Madeira perante a surdez do poder central aos seus insistentes clamores?

— Que fazem os seus representantes em Cortes, em face da inação do governo perante um assumpto de tanta magnitude para os interesses da mais bela colonia do Atlantico!

Que responda quem puder e quem souber. Apenas nos permitimos fazer sentir aos eleitores politicos da Madeira os beneficios que a politica lhe tem levado por intermedio dos seus deputados.

Hão de se convencer, pela força das circunstancias, de que a politica só serve para beneficiar os que d'ela se servem para a defeza dos seus interesses, como-dos e regalias pessoaes.

...E não se esqueçam de os tornar a eleger novamente.

J. C.

Funchal—Maio 1924

A INFLUENCIA DA ESCOLA NA INDUSTRIA DO TURISMO

As industrias predominantes das diversas localidades deviam ter logar nos programas das escolas primarias. Estes submeter-se-hiam a um caracter regional, ainda que algumas materias fossem obrigadas a uma uniformidade de ensino em todo o paiz. As escolas profissionaes, industriaes e agricolas não podem abranger todas as areas onde a falta da sua ação se faz sentir; mas a escola primaria atenuaria essa diferença. Certamente, o corpo docente da escola popular obteve a preparação precisa para a remodelação que se

impõe. Elementos conhecedores iriam ali periodicamente dispensar ás creanças ensinamentos technicos compativeis com esse ensino, e assim obteriamos no centro fabril a escola primaria profissionaal, na aldeia a agricola, no litoral a nautica, com grande vantagem para o Paiz.

Uma das industrias que está acordando todas as energias e chamando atenções do paiz é o Turismo.

Com um vastissimo campo na sua frente, cheio de esperança e de fulgor, a nova industria tende a quebrar o marasmo na-

cional, o que já é uma grande conquista. A sua ação reflecte-se na vida portugueza; é qualquer coisa mais do que uma utopia.

A Repartição de Turismo, a Propaganda de Portugal e a bela *Revista de Turismo* concorrem para impôr á nova industria um lugar de destaque. E assim deve ser. Por isso o ensino do turismo na escola primaria obedece ao progresso mais encantador que se pode conceber. Para que ele seja comprehendido e praticado não se deve ministrar ao alumno só a aprendizagem da chorographia patria, nem tampouco os esforços menemonicos para réter afluentes e confluentes de determinados rios. Não deve ser um sacrificio o que se pretende exigir do alumno. A recente industria baseia o seu ensino na escola popular pelo amor intenso á nossa terra. Acentuam-se na historia as paginas mais epicas da gente portugueza. Ensina-se a creança a traduzir, nas estancias da biblia camoneana, a alma da Patria. A excursão escolar banha o espirito infantil d'uma nova vida e faz-lhe ver nos Jeronymos, na Batalha, em Alcobaça ou em Thomar a resurreição, em pedra, dos que honraram a terra de que eles nos são a esperança.

A estrada por onde a excursão escolar passa, o rio banhando a base dos soutos nos poentes inimitaveis dos nossos agostos, a locomotiva acarretando o comboio velozmente, são preciosos elementos para lições de turismo, rudimentares, certamente, mas oportunas.

A Revista ilustrada como a *Revista de Turismo* será um dos melhores vehiculos para a preparação turista na primeira escola. Uns albuns adequados, ou quadros parietaes com gravuras e elucidacões adequadas, serão os seus eficazes complementos.

A orientação educativa, o proprio manual de civilidade terá lugar, para que a sua falta não se faça sentir a quem se dispuzer a lêr por essas esquinas o que apraz n'elas escrever quaesquer criaturas.

A' educação feminina liga-se imenso a industria turista. A escola *menagère* é parte da resolução da industria hoteleira.

Escusado será dizer que a alma não ficará sequer preparada para se semelhar ás que dão ingresso nas de Aix ou Paris, mas contribuirá para facilitar o bom caminho a parte dos hoteis, cujas comidas são de problematica confecção. A culinaria racional ha de cahir nos nossos costumes; mas só a escola primaria *menagère* poderá ministrar esse ensino.

Terminaremos lembrando que o turismo assumirá em breve a culminancia da segunda industria nacional. Em França o conselho geral de Puy-de-Dôme pediu ao governo a criação d'um ministerio de turismo. No nosso Paiz ha entusiasmo. A escola primaria não lhe ficará alheia, e na propria normal tambem cabe, na orientação pedagogica, o espirito que domina o entusiasmo pelo Turismo.

PIRES MACHADO

BENTO ANTONIO LOURENÇO

UMA perda irreparavel acaba de ferir o coração amantissimo do nosso querido Director — a morte de seu bom pae.

Nós que durante oito consecutivos anos o vimos acompanhando n'esta ardua tarefa a que o entusiasmo pelo turismo nos conduziu; e que, vivendo dia a dia com Agostinho Lourenço, avaliamos as qualidades afectivas d'esse nosso querido amigo e bom Director, pudemos constatar o grande abalo que lhe produziu a morte do seu venerando pae, d'esse honrado e inteligente trabalhador para quem a vida foi um pezado fardo; suportado, todavia, com a filosofia d'uma nitida noção das responsabilidades na sua integerrima conducta.

Reiterando a Agostinho Lourenço os votos do nosso maior pesar pela dôr que o pungiu cruciantemente, aqui consignamos a expressão da nossa respeitosa e sentida magua.

AUTOMOBILISMO*A III Exposição Internacional Automobista
no Palacio de Cristal, do Porto*

A terceira exposição internacional automobilista que se realizou no Palacio de Chrystal, do Porto, na primeira quinzena d'este mez, foi um caso desportivo que, pelo seu brilhante exito, teve o mais retumbante successo.

Esta grande manifestação automobilista — a maior que até hoje teve logar em Portugal, era esperada com o mais justificado entusiasmo; atrahindo por isso, á grande nave do belo jardim portuense, uma numerosa população que interessadamente apreciou o que de mais moderno se tem registado na industria automobilista.

Todas as boas marcas mundiaes apresentaram ali os seus melhores modelos, sobretudo em carros de turismo; sobresahindo egualmente os carros de grande luxo.

O aspecto geral da nave central do palacio de Chrystal, pela bem ordenada disposição dos «stands», pelo conjuncto o mais completo possivel para as exigencias d'um certamen d'essa or-

dem e, ainda, pela sua ornamentação alegre e atrahente, produziu a melhor e mais satisfatoria impressão em todos — nacionaes e estrangeiros — que em con-



Exposição de automoveis na nave ce

sideravel numero ali acorreram. Todos os «stands» foram minuciosamente examinados. Desde os soberbos «Alfa Romeo», aos admiraveis «Buick», «Packard», «Berliet», «Ansaldo», «Mercedes», «Citroen», «Benz», «Studebaker», «Fiat», «Aurea», os visitantes tiveram pleno ensejo de satisfazer a sua curiosidade.

As vendas foram em grande numero e bastante compensadoras, satisfazendo assim os bons esforços dos representantes, d'essas importantes fabricas que não hesitaram em concorrer ao «Salon», atravez

de todas as dificuldades. Nas secções de machinas e accessorios, o movimento não foi menor, notando-se sempre um grande interesse.

Constatou-se assim o maior e mais justo aplauso á Comissão promotora d'esse grande certamen, que pode considerar-se uma das mais belas demonstrações industriaes que se teem realizado em Portugal. E para que ela perdures d'uma forma singular, a mesma Comissão lembrou-se de organizar, adentro do ambito d'essa exposição, um concurso de elegancia de auto-

moveis, que consistiu em premiar os carros que, nas respectivas cathogorias, satisfizessem ás condições exigidas por um jury especialmente instituido para esse fim.

A despeito de ser a primeira vez que entre nós se poz em pratica essa iniciativa, ela despertou uma geral atenção e atrahiu um publico numeroso; entre o qual o elemento feminino se encontrava ampla e entusiasticamente representado.

O numero de inscriptos foi de 20 carros de diferentes marcas.

O Concurso despertou um natural interesse nos assistentes, que enchiam, por completo, a Avenida das Tílias, excelentemente iluminada. Por vezes as palmas retumbavam á passagem dos carros que, pelas linhas elegantes das suas «carrosse-



tral do Palacio de Cristal, do Porto

ries» e pela forma como se apresentavam, despertavam grande interesse e curiosidade.

Pelos resultados colhidos, é de esperar que em breve esta prova possa expandir-se, pois não devem faltar as adesões; tanto mais que ela constituiu um magnifico meio de propaganda e reclame para o comercio de automoveis no nosso paiz.

Como motivo de propaganda para o turismo em Portugal, não podemos deixar de reconhecer — e com a devida justiça — que exposições semelhantes á de que damos uma resumida descripção, constituem um belo atractivo que muito pode contribuir para firmar no estrangeiro o nome

de Portugal como nação que se interessa pelos mais importantes manifestações do progresso industrial, e para trazer ao nosso paiz, sob o entusiasmo da visita a esses certamens uma população cosmopolita, que não deixará de apreciar as nossas belezas e d'elas fará lá fóra a melhor propaganda.

Felicitamos, pois, a Comissão organisadora da III exposição internacional de automoveis, que encontrou no nosso colega portuense *Dlario de Sport*, o mais valioso e extrenuo auxiliar; esperando que os bons resultados que coroaram os seus esforços a animem em repetir uma tão bela como patriótica idéa.

TURISMO

A simples titulo d'archivo vamos transcrever na integra, com a devida vénia, o artigo a seguir, que foi publicado no lugar de honra do nosso colega Comercio do Porto, referido a 20 do corrente. O que n'ele se acha escripto não é mais do que tantas e tão repetidas vezes temos dado á estampa n'estas columnas, se bem que não perfilhemos algumas das suas considerações.

HA uma Propaganda de Portugal, que tem milhares de socios. Edita folhetos, promove conferencias, recomenda hoteis.

O seu fim principal é tornar conhecido e admirado, em toda a parte, o nome do paiz. Um dos seus designios é atrahir forasteiros ás nossas praias e thermas.

Consegui-o-ha? Dificilmente. Nem com a melhor boa vontade d'este mundo.

Em primeiro lugar considera-se lá fóra Portugal como um segundo Mexico. Isto é falso, desde que deixou de haver revoluções a curto praso. Mas lá diz o dictado: «Cria fama... e deita-te a dormir».

Encontram-se a cada passo nos jornaes estrangeiros, a começar pelos da nossa

visinha Hespanha, os mais «amaveis» e espantosos telegramas, de supostos levantamentos, que felizmente nunca existiram senão na «boa vontade» e na imaginação febril de algumas agencias e de alguns reporters.

A propaganda devia começar por uma série de lições de historia e de geographia aos civilizados que vivem para além dos Pyreneus.

Suppõe-se — muitos portuguezes tambem o imaginam — que só no estrangeiro ha estancias de luxo e de prazer, logares encantadores, paisagens adoraveis. Quantos enchem a boca com Biarritz, S. Sebastian, Paris e Deauville, Napoles e Veneza, Lausana e St. Moritz, Bruxelas e Spa, Ostende e Monte Carlo, a Costa d'Ouro e a Costa Azul, a Atlantic City e o Rio de Janeiro, ignorando o que nós temos de belo, de grandioso, de incomparavel!

E' a eterna mania de dar nomes francezes e inglezes a hoteis, hospedarias e casas de chá. O habitual disparate de apresentar roupas brancas e tecidos com etiquetas de Paris e Londres...

Ora nós temos em Portugal os logares,



A' GUITARRA

QUADRAS

*Inda hão de nascer os sabios
Que digam por sua razão
Um beijo dado nos labios
Se sente no coração.*

*Quando o ciume te assalta
Sê calmo. Não ha nenhuma
Onda do mar por mais alta
Que não se desfaça em espuma.*

*Já que me chamo Maria
E que um José me seduz
Menino que tenha um dia
Ha de chamar-se Jesus*

*Já chorou por não ter cama
Tem carruagem já ri
Ri, mas salpica de lama
Quem passa junto de si.*

COMISSÃO DE INICIATIVA DE LUSO E BUSSACO

(Extrahido do respectivo Boletim)

A lei que creou as comissões de Iniciativa locais é de 23 de Abril de 1924.

A Comissão de Luso e Bussaco funciona desde o verão de 1922 e tem procurado corresponder ao elevado e patriótico objectivo d'esta lei, que é sem duvida a mais solida base para o desenvolvimento do turismo nacional.

O nosso paiz tem excepçoes condições para crear e desenvolver esta riquissima industria, tão cuidadosamente explorada no estrangeiro. Não nos faltam as belezas naturais; temos um clima privilegiado, um sol e um céu por todos invejados. Mas todos estes dotes estão desacompanhados das mais rudimentares condições de hygiene, conforto e aprasimento, salvo, é claro, algumas, bem poucas, honrosas excepções.

A's comissões de iniciativa incumbe o dever de ir transformando, pouco a pouco e conforme os seus recursos, as termas e outras localidades de turismo, de fórma a poder concorrer com as estancias estrangeiras, o que não só não é impossivel mas será até facil, com um continuo e bem orientado esforço, visto que nós temos a materia prima d'esta industria, senão superior pelo menos tão boa como a dos outros paizes de turismo.

E' conhecida a riqueza das nossas aguas minero-medicinaes; são excepçoes e variadissimas as belezas do nosso paiz, como excepcional é tambem a nossa situação geographica. E' preciso tambem trabalhar e seguir os passos dos poucos que em Portugal tem sacrificado o seu trabalho e os seus haveres em beneficio do turismo.

Vem a proposito lembrar aqui o nome de Alexandre de Almeida, que pelas suas iniciativas tem sabido elevar o nivel das

instalações de turismo, sendo já hoje o Bussaco uma estancia de luxo que bem póde rivalizar com as melhores estrangeiras.

A Comissão de Iniciativa de Luso, podemos affirmar-o, quer trabalhar e tem trabalhado. As pessoas que já ha dois ou mais anos não frequentaram estas termas tem verificado com prazer os seus progressos: limpeza das ruas, regas, embelezamentos geraes, além de outras obras de saneamento de fontes, etc.

Dentro de pouco tempo Luso deve ter a agua canalizada para todas as casas e hotéis, serviço este que já foi iniciado devido aos esforços e iniciativas do Luso Tennis Club.

Devem começar, talvez, brevemente, as obras de um grande lago de recreio aproveitando o grande manancial de agua que nasce no Luso.

Está se procedendo á instalação da rede telegraphica que vae ligar Luso e Bussaco com a Curia e a rede geral Lisboa, Porto e Coimbra. Este melhoramento devia ter ficado concluido antes d'esta epocha, como tinha sido prometido pelas estancias officiaes, mas a greve dos correios e telegraphos e outros embarços não o permitiram.

Como veem a Comissão de Iniciativa trabalha e procura corresponder á boa vontade com que todos, em geral, tem pago a taxa de turismo, que, por esta fórma, reverte em beneficio de todos.

Na séde de Comissão de Iniciativa vae ser inaugurada em breve uma sala destinada á frequencia dos contribuintes da taxa de turismo, onde poderão colher informações de turismo da região e em especial, do Centro do Paiz.

Ali estará patente um livro destinado ás reclamações e alvitres dos contribuintes.

as paisagens, os costumes, os monumentos mais deliciosos do Mundo. Possuimos thermas em abundancia e praias magnificas. O nosso clima excede, em benignidade, o das mais famosas estações de inverno.

Mas vilas de recreio, ou cidades de prazer, simples logares de repouso ficam tão longe d'um caminho de ferro confortavel que não ha estrangeiro que se tente!

Um americano, por exemplo, desejaria desembarcar em Lisboa ou Porto, do seu hiate ou d'um transatlantico, e sem alfandegas e sem fisco, n'uma carruagem Pullman ou n'um automovel silencioso, por uma estrada lisa e arborizada, sahir bem disposto, no Bussaco ou em Pedras Salgadas. Um inglez tinha a ambição de vir curar a sua imensa neurasthenia ao

Algarve, ou a Cintra, com a mesma comodidade.

Emquanto não se desmentir a lenda ignobil do Mexico n.º 2; emquanto as alfandegas não cercarem de atenções e facilidades o viajante estrangeiro; emquanto não houver rapidos, que sirvam todos os centros; emquanto as estradas continuarem no pavoroso abandono em que se encontram, *absolutamente intran-sitaveis*, é inutil a ação da Propaganda de Portugal.

Não se diga que o jogo constitue o maior obstaculo ao desenvolvimento do turismo. Quem pode arriscar muito dinheiro vae a Monte-Carlo. Mas quem não póde, diverte-se em qualquer parte. Em toda a parte se joga, mesmo nas barbas da auctoridade e da policia.

M. S.

A'S COMISSÕES D'INICIATIVA

A «REVISTA DE TURISMO» é a unica publicação especialmente consagrada ao Turismo em Portugal e, por isso, o seu órgão officioso na imprensa portugueza.

Ela deve ser, portanto, o porta-voz das Comissões d'Iniciativa, que obrigatoriamente lhe devem prestar todo o seu concurso moral e material, para que a mesma Revista possa cumprir bem a sua missão de patriotica defeza dos interesses das mesmas Comissões d'Iniciativa, e continue a manter a propaganda de Portugal no estrangeiro, onde é largamente distribuida, fazendo assim o maior e o melhor reclamo das incomparaveis condições e belezas do nosso Paiz.

A Direcção da «REVISTA DE TURISMO» espera pois que as Comissões d'Iniciativa lhe enviem, por escripto, a sua adhesão indicando a forma como podem contribuir para a manutenção d'esta publicação.

O Congresso Hoteleiro em New-York

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Proseguimos hoje na interessante descrição que o nosso bom amigo Léon Kues dedicou à *Revista de Turismo*

DE frente d'essa estatua da Liberdade, que é como que (digamos em termo hoteleiro) o *concierge* da America, nós passámos em atitude respeitosa. Todos a bordo se quedaram contemplando esse pronuncio do colosso americano.

Para quem chega á America, esse monumento é como a sua synthese.

Logo ali começamos a sentir a manifestação d'uma recepção amabilissima que nos esperava. Dentro em pouco, o «Paris» estava rodeado de pequenas canôas automoveis, com os membros da Comissão de recepção, com convidados, jornalistas e diversas e variadas philarmonicas, que nos saudavam por uma forma tocante.

Caminhando pelo meio d'essa entusiastica recepção fomos indo até o caes de desembarque, onde recebemos os primeiros cumprimentos. Um delegado especial foi posto á nossa disposição, indicando-nos os hoteis onde estavam reservados os alojamentos para as delegações que acabavam de chegar no «Paris».

Esses hoteis eram simplesmente os melhores da America, onde se teem alojado os principes diversos que pululam pelo orbe. Assim, cada uma das delegações tomou o caminho que lhe foi indicado — ou para o Comodoro, ou para o Pennsylvania, ou para o Baltimore, isto é: os maiores, os melhores e os mais grandiosos hoteis, onde nada falta e cada desejo, ainda o mais exigente, é satisfeito com uma promptidão assombrosa.

Quando chegámos a New-York eram dez horas da noite. Brilhava e electricidade

em intensissimos jorros de luz, produzindo uma claridade semelhante á do dia!

Nas ruas, nas praças, em toda a parte havia um fervilhar imenso de povo — d'um povo cosmopolita, heterogeneo, absolutamente mesclado. Mas todo o intenso movimento que se via obedecia á mais rigorosa ordem, sem um atropelo, sem um encontro, um choque, denunciando o espirito methodico que distingue toda a vida americana e cuja impressão se tem logo que se desembarca n'esse grandioso paiz.

Mas — coisa notavel — não obstante o odio de raças que ali impera despoticamente, achei logo d'entrada uma verdadeira curiosidade em perfeita antagonia com aquele sentimento: — os moços de serviço nos caes maritimos de desembarque são negros, alguns d'um preto muito retinto; apresentando-se, todavia, muito assejados e até — oh exagero! — de luvas calçadas para executarem os serviços que lhe são confiados!

Representará essa exquisitice uma classificação de inferioridade para a carne preta, á qual não é dado tocar seja no que fôr que pertença a branco sem ter o magestoso aspecto d'um original enluvamento?

O que não ha duvida é de que esse facto desperta logo curiosidade e leva o cerebro pensante a congeminções sobre a origem d'esse uso.

Mas a breve trecho, a surpresa faz-nos cahir em extasis perante a descomunal altura do casario. Não são casas altas — na vulgar acepção do termo — são edificios que nos dão a impressão de que furam o Ceu.

.. E o nevoeiro não permitia que se enxergasse além do 25.º andar!..

O resto perdia-se na bruma, ultrapassava as nuvens... talvez para servir de

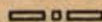
base de apoio á ponte transmissora para a Lua!

Tudo enorme. Tudo grandioso, original, assombroso!!!

A celebre 5.^a Avenida é unica; nada ha que se lhe compare. O *Broadway*, é extraordinario. Ha carreiras de electricos por baixo do solo, por cima e por cima de nós — ou aereas.

...E logo, perante esse colosso que a imaginação mais fertil não pode conceber sem ver, o espirito concentra-se, n'um momento, pensando que tudo aquilo custou biliões, quatriliões — muitos e muitos milhões e que, apesar d'isso, ha ali enormes e poderosas reservas d'ouro proprias e de todo o Mundo, especialmente d'esta pobre Europa que tanto está sofrendo com as calamidades que sobrevieram á Grande Guerra, depois de ter perdido tanto do seu generoso sangue, de se ter arruinado physica e moralmente até á miseria de que

muitos estão sofrendo os maiores horrores...



New-York é o cerebro prodigioso d'uma nação poderosa e de incalculaveis facilidades. E' a patria das grandes iniciativas e o abastado deposito de todos os recursos. Ela dá a voz de comando. Assim, o centro do burgo é quasi exclusivamente constituido por escriptorios. Ao trabalho dá o «Tio Sam» o primeiro logar.

Depois, a comodidade. A seguir as distrações. Estas não faltam ali; mas o criterio americano deu-lhes um logar á parte.

...E' que na America a vida tem um programa; e assim methodicamente vive-se bem; trabalha-se sem cansaço; e diverte-se com prazer.

Tudo tem o seu lugar e a sua hora.
.....

UM BOM SYSTEMA DE PROPAGANDA

Uma exposição de fotografias em Portugal

ORGANISADA pelos Armazens Grandela deve realizar-se em breve uma exposição de photographias que consiste na provavel organisação de uma exposição volante do Portugal pitoresco e monumental, que transitará por todos os Consulados de Portugal no estrangeiro para que a exibam como propaganda turista do nosso Paiz; ou, se fôr possível, a confecção de um catalogo turista de Portugal, destinado ao mesmo efeito.

Para esta exposição, a realizar no proximo mez de Novembro de 1924, recolhem-se desde já nos referidos Armazens photographias fazendo já parte das colleções dos nossos profissionais e amadores

e as que forem tiradas expressamente aproveitando-se agora as ferias de 1924.

As provas enviadas devem ser coladas em cartão, não sendo precisas molduras; mas tambem se aceitam as que se acharem já emolduradas, devendo cada photographia ser acompanhada d'uma completa descripção, além de todas as indicações possiveis para facilitar o trabalho do Jury.

Segundo o melhor criterio do Jury que deverá classificar as provas expostas e conforme a sua afluencia, estas serão divididas em varias classes, por exemplo:

- I — Monumentos Nacionaes.
- II — Costumes Regionaes.

III — Feiras e Romarias.

IV — Paysagens.

V — Typos de Beleza.

VI — Vistas panoramicas de Cidades, Vilas e Aldeias.

VII — Excursões completas com as photographias colecionadas desde o inicio até o terminus, etc., etc., etc.

Serão concedidos premios aos expositores cujas provas forem para esse fim classificadas. Esses premios constarão de: Diplomas, Medalhas, Objectos d'Arte, Objectos uteis, etc., etc.

São já numerosas as inscripções; contando-se, entre elas, alguns dos nossos mais distinctos cultivadores da arte photographica.

A Sociedade Propaganda de Portugal e o Conselho de Turismo teem prestado todo o seu valioso auxilio a tão interessante como patriotico empreendimento.

Alguns dos nossos mais importantes industriaes, comprehendendo o grande alcance da iniciativa da Casa Grandela, já prometeram enviar amostras dos seus productos, como sejam latas de conservas, vinhos para serem dados a provar, figos do Algarve e outros productos que serão distribuidos aos visitantes aqui e no estrangeiro, mostrando-se assim de uma fórma apreciavel e pratica o que de mais interessante ha no nosso Paiz.

O programa da exposiçãõ é enviado pelo correio a quem o pedir aos **Armazens Grandela, Rua do Ouro, 211—LISBOA.**

MUSEUS

PATENTES EM LISBOA

MUSEU DE ARTE ANTIGA, ás Janelas Verdes, aberto das 11 ás 17, ás quintas feiras, e nos outros dias das 12 ás 17, excepto aos sabados que está fechado.

MUSEU D'ARTE contemporanea. Edificio da Bibliotheca Publica.

MUSEU ANTROPOLOGICO E GALEIRA DE GEOLOGIA. Academia de Sciencias, todos os dias, precedendo licençã, das 10 ás 16, excepto domingos e feriados.

MUSEU ARQUEOLOGICO, Largo do Carmo, todos os dias, 10 ás 16, \$10 cada pessoa: bilhete de familia (cavalheiro acompanhando até 6 senhoras), \$20; criançãs gratis.

MUSEU DE ARTILHARIA, Largo do mesmo nome; está patente ao publico ás terças, quartas e domingos, das 11 ás 16. Nos outros dias, á excepção das segundas feiras, que está fechado, apenas é franqueado a estrangeiros ou pessoas munidas de autorizaçãõ especial.

MUSEU BORDALO PINHEIRO, Parque do Campo Grande (lado oriental), aberto aos domingos. Entrada \$10.

MUSEU DOS COCHES. Paço de Belem, Aberto das 12 ás 16, excepto ás sextas.

MUSEU COLONIAL E ETNOGRAFICO—Sociedade de Geografia, domingos, 10 ás 16.

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUEZ, Mosteiro dos Jeronimos, aberto ao publico todos os dias, inclusivé domingos, só se exceptuando as segundas-feiras e os dias de gala.

MUSEU DE HISTORIA NATURAL, Escola Politecnica, quintas feiras, 10 ás 16, outros dias, licençã especial.

MUSEU DE HIGIENE, rua da Cruz de Santa Apollonia, 25, quintas feiras, 12 ás 16.

MUSEU NUMISMATICO, Bibliotheca Publica, todos os dias uteis, 12 ás 16.

MUSEU DA SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAIS, rua de S. Paulo, 55, 2.º Aberto nos dias uteis, das 11 ás 15. Instrumentos de tortura barbaramente empregados contra os animais domesticos.

MUSEU PEDAGOGICO. Poço Novo, 1, Escola Rodrigues Sampaio, todas as férias, nos meses de agosto e setembro. Nos outros meses, com licençã do director.

MUSEU DO TESOURO DA CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA, na Misericordia—ultimos domingos de cada mez, 12 ás 15,30; outros dias, licençã especial.

MUSEU DE S. NICOLAU, aos domingos, das 13 ás 15, e em todos os outros dias das 10 ás 14, mediante licençã especial Entrada gratuita.

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAFICO COLONIAL—Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 27 — (Antigo Largo d'Abegoria)

«REVISTA DE TURISMO»

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Portugal—Cont. — semest.	5\$00
Ano.....	10\$00
Colonias—ano.....	15\$00
Estrangeiro—ano.....	20\$00
Numero avulso	1\$000 réis (1\$00)